



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO CULTURAL

GRUPO EXPERIMENTAL DE CINEMA

Acervo Digital

Walter
da Silveira

9^o

ESPETÁCULO
DE
FILMES DE ARTE

1.º de junho de 1968 - 20,30 horas

SALÃO NOBRE DA REITORIA

A COMÉDIA NO CINEMA

- 1) "O emigrante", de Charlie Chaplin (1917)
- 2) "As oito vítimas", de Robert Hamer (1949)

FICHAS TÉCNICAS

"O emigrante" ("The immigrant")

Realização — Charlie Chaplin

Argumento — Charlie Chaplin

Fotografia — Rollie Totheroh

Interpretação — Charlie Chaplin, Edna Purviance, Albert Austin, Eric Campbell, Henry Bergman.

Produção — Mutual.

"As oito vítimas"

("Kind hearts and coronets")

Realização — Robert Hamer

Argumento e roteiro — R. Baumer e J. Dighton

Fotografia — Jeff Seaholme

Interpretação — Alec Guinness, Dennis Price, Valeria Hobson, Hoan Greywodd.

Produção — Michael Balcon

Mais de trinta anos separam estas duas comédias. Elas se aproximam, entretanto, por diversos fatores. Quando Chaplin fez "O emigrante", estava a atingir o esplendor do cômico na curta-metragem. Também Hamer, quando realizou "As oito vítimas", chegava ao ponto mais alto da longa-metragem cômica na Inglaterra. Em ambos, sob disfarces de humor, a sátira social atravessa as estórias: em Chaplin, ri-se da força do dinheiro; em Hamer, dos títulos de nobreza. Enquanto em "O emigrante", a liberdade americana motiva a gargalhada, em "As oito vítimas" a vaidade da aristocracia britânica fundamenta o escárnio. No fundo, há um drama: tanto o emigrante quanto o herdeiro bastardo são vítimas do mesmo engano, o de supor que basta cumprir a ambição para se ter como um realizado.

Só na aparência "O emigrante" é às vezes um romance sentimental, dividido em dois episódios ou em duas ambiências: a do navio e a do restaurante. A cena fundamental do primeiro é a chegada à América, com a visão da estátua da Liberdade, no mesmo momento em que os passageiros de terceira classe são prêsos como um rebanho para a inspeção de desembarque. A cena deve ter sido reproduzida da realidade, deve ter acontecido com todos os emigrantes da época anterior a 1914, quando Chaplin chegou aos Estados Unidos. (Em "Terra do sonho distante" ("America, America"), admirável filme de Elia Kazan, uma obra de 1965, se renova a cena, com idêntico e violento contraste entre a imagem da Liberdade e o aprisionamento do herói). No segundo episódio, o problema essencial consiste no fracasso da emigração: Carlitos está faminto e não tem dinheiro, a única moeda achada na rua éle a perde porque seu bolso furado deixou que caísse. O estilo cômico de Chaplin engana o espectador menos avisado: atrás da simplicidade, se encontra a profundidade; o riso fácil esconde a ironia mais difícil. Os achados visuais são extraordinários, na partida jogada no navio ou no diálogo com o pintor no restaurante. O ritmo, a interpretação, a segurança da linguagem conferem a êsse filme de cinquenta anos o valor de uma obra-prima.

A fim de se tornar lord, um jovem mata oito parentes: um duque, um banqueiro, um bispo, um general, um pastor, um almirante, uma líder feminista (papeis, todos, interpretados, numa versatilidade magnífica, por Alec Guinness). Eis o tema central de "Kind hearts and coronets". O relato se exerce numa série de retrospectos, o assassino genial escrevendo na prisão suas memórias. Cada homicídio vale uma sequência à parte, pelo brilho fascinante do non-sense. Muito ligado a uma certa tradição literária inglesa que se descobriria em Swift, Thackeray ou até em Wilde, Robert Hamer concluiu esta comédia um tanto macabra numa época em que o Ealing Studio, sob o comando de Sir Michael Balcon, dava no gênero o melhor estilo de sua pátria. "O mistério da torre" ("The lavender hills mob") de Charles Crichton, "O homem do terno branco" (The man with the white suit") e "O quinteto da morte" ("The lady killers") de Alexander Mackendrick são outros grandes instantes desse tempo, embora sem atingir a maestria de "As oito vítimas".

Filme único na história do humor negro no cinema, não se suspeitaria que pudesse Hamer elaborá-lo na época de sua aparição para o trabalho cinematográfico. Na verdade, sua carreira começou na escola documentarista chefiada por John Grierson e Alberto Cavalcanti. É certo, que sua estréia no campo ficcional se deu numa fita de clima fantástico, o sempre lembrado "Na solidão da noite" ("Dead of night"), em 1945, dirigindo um dos capítulos mais terríveis daquele conjunto de sobrenaturalidades. Não se adivinharia, entretanto, que possuísse a fantasia demonstrada em "As oito vítimas", esplêndida de invenções narrativas.

A maldição do tema de "As oito vítimas" deve ter se comunicado ao filme. Nunca teve comercialmente uma carreira brilhante. Restou, porém, como "O emigrante", um clássico da comédia. E outra aproximação que se poderia assinalar entre os dois é que também Chaplin é inglês e que, apesar da universalidade de sua obra quase toda realizada em Hollywood, nunca se esqueceu da origem na inspiração de seus temas.

Acervo Digital

Walter
da Silveira

UMA PROGRAMAÇÃO

DO CINEMA UNIVERSITÁRIO